

Na linha do destino

AUSTREGESILO
DE ATHAYDE

Embora os últimos dias deste ano tenham sido sombrios, molhados, exaustivos pelo tédio das horas sem a luz do dia, pode-se dizer com justiça que ele ficará em nossas crônicas, como, sob muitos aspectos, favorável e promissor. O Presidente Sarney, que mais do que ninguém viveu sob as emoções dos acontecimentos econômicos e políticos nascidos de sua gestão sa suprema chefia, em sua última conversa com o povo, augurou que o ano entrante seja pelo menos tão bom como o que está completando, em horas, o seu ciclo astronômico. O tempo traz consigo aquela álgida indiferença dos fenômenos que não se subordinam à vontade dos homens. Nós é que o preenchemos com as nossas ações, que lhe damos o relevo de nossas lembranças, que o acolhemos como um deus mitológico, o cronos de tantas faces que corre no mesmo ritmo, inteiramente alheio ao nosso destino pessoal ou coletivo. Imagem desoladora de uma divindade sem providência.

Podemos tirar a última folha do calendário sem nenhum motivo especial para amaldiçoá-lo, e até colocá-lo, na seqüência do decênio, como dos melhores, tanto na ordem econômica quanto na política. E digamos que sobretudo nessa última, pois as eleições de 15 de novembro podem ser cotadas como das mais livres e expressivas como resultado da vontade popular, que já houve neste País. Se o Plano Cruzado não deu certo em todas as suas previsões e foi necessário revê-lo em suas bases, ainda aqui poderá dizer-se que foi avistado um novo caminho e que os responsáveis tiveram coragem maior ao fazer a revisão do que ao lançá-lo na surpresa de tanta euforia de quem de repente descobriu um seguro caminho na densa noite em que se encontrava perdido.

Os sábios economistas do autoritarismo haviam sentenciado que a inflação era um mal sem remédio, e que, esgotados todos os recursos de sua ciência, o doente não reagia, antes a cada dia se agravavam os males do inflacionismo imbatível. Pois encontrou-se a saída e hoje, ao findar das últimas luzes de 1986, o Brasil é citado entre os três ou quatro países do chamado Terceiro Mundo, que de fato venceram a hidra, sem interromper a marcha do desenvolvimento. Há soluções à brasileira, e enquanto não nos faltar inspiração para concebê-las, é que por nós continuam veiando os deuses superiores.